

SINCRONICIDADE: O ENCONTRO ENTRE NISE DA SILVEIRA E CARL G. JUNG

Artigo publicado na Revista Psique (Brasil, editora Escala)

2018

Daniel Lascani

Jornalista. Publicitário (Estácio). Pós-graduado em Psicologia Analítica (PUC/Rio). Leader Coach e Self Coach do IBC - Instituto Brasileiro de Coaching. Coautor do Livro - O Impacto do Coaching no Dia a Dia. Colaborador da Revista Psique (Brasil, editora Escala). Autor e Palestrante do projeto social - Comunidade Profissional. Autor e apresentador do curso online Neurolinguística & Oratória. Diretor do Instituto Lascani

E-mail:

daniel@institutolascani.com.br

RESUMO

O artigo apresenta o conceito de sincronicidade, através do exemplo dos pacientes de Nise da Silveira e Carl G.Jung, bem como, o histórico encontro entre eles.

Palavras-chave: Nise, Jung, sincronicidade, mandalas, desenhos, pinturas, arquétipos.

Copyright © 2018.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



O encontro da médica, psiquiatra brasileira, Dra. Nise da Silveira (1905 -1999) com o psicoterapeuta suíço, Carl Gustav Jung (1875-1961), certamente, foi um dos maiores acontecimentos da história da psicologia. As semelhanças percebidas entre os trabalhos realizados por seus pacientes, no campo das artes, revelaram ao mundo um exemplo do fenômeno,



denominado por Jung, como Sincronicidade, conforme ele apresentou em um de seus livros, que foi titulado com este nome. Sobretudo, este caso ocorrido entre a Dra. Nise e o Dr. Jung, ou seja, entre estes dois grandes nomes da Psiquiatria, infere que, nos tempos atuais, não apenas a psicologia, mas, também, outras ciências, estude o fenômeno da Sincronicidade.

Nise da Silveira

Muito antes de conhecer Carl G. Jung, Nise da Silveira já era uma médica genial. Foi uma das primeiras mulheres médicas do Brasil. Todavia, se destacou por suas metodologias inovadoras de trabalho, voltadas para o campo da arte. Em sua posição, ignorou tratamentos com uso de eletrochoques, lobotomias, e outras formas violentas praticadas naquela época, para cuidar de seus pacientes, de maneira alternativa, com o uso de desenhos, esculturas e pinturas. Desta forma, inovou e quebrou paradigmas, com uma nova prática de terapia ocupacional, que, além de ter mudado a vida de milhares de internados, revolucionou a relação entre paciente e médico.

Em pouco tempo, Nise transformou o hospital psiquiátrico em que trabalhava em um verdadeiro ateliê de arte, trazendo-lhe uma energia inovadora nunca vista antes. Sua linha de terapia, revelou verdadeiros artistas, inclusive, alguns deles reconhecidos internacionalmente, tal como, o pintor Fernando Diniz, que foi seu paciente.

Sua façanha, iniciou-se, a partir de 1946, no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no bairro de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Após alguns anos de muita resistência aos métodos violentos, Nise conseguiu fundar, nesta mesma instituição, a Sessão de Terapêutica Ocupacional. Posteriormente, o mesmo trabalho revolucionário, com as mesmas práticas, se repetiu na Casa das Palmeiras, em Botafogo, bairro situado, também, no Rio de Janeiro. Desta vez, com foco em reabilitação de antigos pacientes, através da mesma metodologia, sempre visando o desenvolvimento da livre expressão artística e da criatividade.

Este trabalho de Nise da Silveira, antes mesmo de sua segunda fase, na Casa das Palmeiras, resultou na fundação, em 1952, do Museu de Imagens do Inconsciente, justamente, no bairro de Engenho de Dentro, onde tudo começou. Atualmente, o museu apresenta milhares de obras de arte, que foram produzidas, em todo o período em que seus pacientes trabalharam com pinturas e modelagens. A soma de todos estes trabalhos gerou um acervo, nunca visto e imaginado anteriormente na história da psiquiatria. Muitas destas obras são mandalas, em formatos variados. Fato este, que levou Nise da Silveira a conhecer Carl Gustav Jung.

Carl G. Jung

De forma aparente, Nise conheceu o trabalho de Jung, com mandalas desenhadas por seus pacientes, na Suíça, muitos deles esquizofrênicos. E, percebendo esta relação de sincronicidade, em 1954, queria confirmar se os desenhos dos pacientes de Jung tratavam-se de mandalas, assim como as que foram desenhadas pelos seus pacientes, no Brasil. Rapidamente, Nise escrevera uma carta, para Jung com algumas fotografias de mandalas brasileiras. Em pouco tempo, sua correspondência fora respondida.

Vejamos a resposta da assistente de Jung à carta enviada por Nise:

“O professor Jung pede-me para agradecer-lhe pelo envio das interessantes fotografias de mandalas desenhadas por esquizofrênicos. O professor Jung faz diversas perguntas. O que significaram esses desenhos para os doentes, do ponto de vista de seus sentimentos? O que eles quiseram exprimir por meio dessas mandalas? Será que esses desenhos tiveram alguma influência sobre eles? O professor Jung observou que os desenhos têm uma regularidade notável, rara na produção dos esquizofrênicos, o que demonstra forte tendência do inconsciente para formar uma compensação para situação de caos do consciente. Ele também notou que o número 4, (8, 12) prevalece.

Suponho que as cores devem dar aos desenhos uma acentuação muito forte. Ficaríamos reconhecidos se pudéssemos ficar com as fotos. Talvez a Sra. encontre possibilidade de responder as perguntas do professor Jung, o que interessaria muito a ele. Seria também interessante saber alguns dados biográficos sobre os pintores.

Queira receber a expressão de nossa alta consideração. Ass. A. Jaffe”.

(Silveira, Nise, *Imagens do Inconsciente*, Alhambra).

Em 1957, Nise da Silveira apresentou os desenhos de seus pacientes, no II Congresso de Psiquiatria, realizado em Paris, na França. Foi um encontro importante para a história da psicologia. A sala do congresso onde Jung permaneceu por mais tempo, durante todo o evento, foi a das mandalas brasileiras, levadas por Nise da Silveira, para exposição. Jung percebeu que, quando comparadas, tinham características muito semelhantes.

A palavra mandala vem na Índia antiga, e significa - círculo. Esteve presente em diversas culturas e religiões, bem como no Hinduísmo e no Budismo, O termo: manda = essência, e la = conteúdo, pode ser representado, ou reproduzido, geometricamente, em círculos, precisos e imprecisos. A presença de mandalas, tanto no trabalho de Jung quanto no de Nise, são

demonstrações da teoria Junguiana. Principalmente, do fenômeno da Sincronicidade. Tal causalidade ocorrida entre os dois, remete, ainda, e, naturalmente, a todos os outros fenômenos descritos na obra de Jung, tais como, os conceitos de individuação, arquétipos e de inconsciente coletivo.

Neste contexto, conforme descrito acima, levando-se em consideração os principais conceitos já abordados por Jung, em seus livros, podemos destacar, que a aparente coincidência, entre os pacientes de Jung e os de Nise, demonstra o fenômeno causal da sincronicidade; de forma que, o transcender psíquico da mente de cada paciente a um estado artístico, trata-se de um processo de individuação; e, ainda, as mandalas reveladas em pacientes, lugares, culturas e em tempos diferentes, são manifestações/representações arquetípicas de um determinado arquétipo. Segundo Jung, o centro da mandala representa o arquétipo do Self, que é um dos mais fortes da psique humana. Portanto, a mandala é o arquétipo e arte são manifestações-representações arquetípicas. E, por fim, a dimensão psíquica de onde se emerge tais representações arquetípicas, em diferentes lugares, e, ao mesmo tempo, para onde se inclina a individuação de cada mente, reconhecendo-se tais arquétipos, é o que Jung chamou de inconsciente coletivo.

Durante muitos anos as teorias de Jung foram consideradas místicas e alternativas. Tanto foi, que o rompimento de sua parceria com Freud, se deu pela divergência entre suas ideias. Os estudos de Jung transcendiam aos de Freud, sobre conceitos, que transpassam: de um inconsciente individual a um inconsciente coletivo, e, também, de complexos do ego a arquétipos do *Self*.

Entretanto, atualmente, a Psicologia Junguiana é bastante estudada no campo acadêmico e científico, inclusive, por físicos, dentre outros cientistas, que visitam o Instituto Junguiano, em Zurich, na Suíça, e conjugam suas teorias com aspectos da física moderna, bem como, com os estudos da mecânica quântica e do eletromagnetismo. A Neurociência, por sua vez, já reconhece o pensamento como uma onda eletromagnética, que coexiste, como esfera psíquica, no mundo físico. De um modo geral, nos últimos anos, cada vez mais, novas pesquisas associam conceitos junguianos com os da ciência.

O trabalho de Nise da Silveira foi de grande contribuição para o de Jung, e o dele, igualmente, para ela. O fenômeno da sincronicidade, que fora reconhecido em seus tratamentos, foi um importante passo para que novos pesquisadores buscassem respostas científicas para estas semelhanças, psíquicas e artísticas. Sobretudo, contribuiu para um movimento científico de infinita conjugação, entre os estudos da psicologia e da física, através, por exemplo, de interligações entre os conceitos de sincronicidade e de eletromagnetismo; de campo eletromagnético e de inconsciente coletivo, e, naturalmente, a coexistência entre corpo e mente, e entre mente e matéria.

Jung e Nise permaneceram amigos até o final de suas vidas, e a ciência continua conjugando e buscando conclusões para tais fenômenos. Muitas destas conjugações das teorias de Carl G. Jung,

já estão sendo desvendadas no campo científico, por renomados autores e pesquisadores, do mundo todo. Na atualidade, no Rio de Janeiro, o museu de Imagens do Inconsciente, está abeto ao público, diariamente, contendo o legado de Nise da Silveira.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Silveira, Nise, *Imagens do Inconsciente* (Alhambra, Brasília, 1981).

Jung, G. Carl, *Sincronicidade* (Vozes, Petrópolis, 2000).

Outras referências:

Revista *Psique* - edição especial, Editora Escala. Matéria: *Psiquiatria no Brasil*, por Álvaro de Pinheiro Gouvêa